Ano XVIII — Lisboa, Julho de 1962 — N.º 207

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Galardoado com a «Lis de Prata» da Associação dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607 Admin. 63RP49

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

BADEN-POWELLATRIA

Ainda não há muito tempo tivemos ensejo de presenciar uma homenagem a Lorde Baden-Powell. Tratava-se de uma cerimónia singela, em que, na presença de uma formação de escoteiros, foram depostas algumas flores na base de um busto do Fundador do Escotismo.

Agradou-nos sinceramente a solenidade do acto e nada mais teríamos a dizer quanto ao acontecimento se um pormenor não tivesse reclamado a nossa atenção: referimo-nos ao ar seráfico, quase compungido, com que os dois escoteiros encarregados da deposição de flores se aproximaram do busto de B.-P.

Não era essa atitude beatífica certamente a que o grande amigo da juventude desejaria ver na mocidade. Preferiria, com toda a certeza, uma postura escorreita, respeitosa, serena, transparecendo aprumo, virilidade e, sobretudo, sinceridade. Não aconteceu assim nesse incidente e foi pena.

Quanto lemos na obra de B.-P. referências a homens célebres, cujo exemplo ele aponta aos escoteiros, podemos reparar que essas alusões são feitas sem resvalar para o plano de endeusamento dessas personalidades, procedimento que hoje se está tornando um hábito inveterado em certos meios, denunciador de um estado de espírito pouco aceitável. Pelo contrário, o fundador do Escotismo olha essas figuras na sua craveira humana, revelando tanto os actos que fazem jus à nossa admiração, como as misérias a que, afinal, ninguém logra fugir. Os aspectos que o herói de Mafeking nos dá desses vultos, são, portanto, imagens da maior fidelidade e cheias de conteúdo humano.

Não é crível, no caso a que primeiro nos reportámos, que esses dois jovens, decerto recentemente integrados no Escotismo e por conseguinte desconhecedores da vida e da obra do grande educador da mocidade, pudessem ter sido tocados de tão desentranhada emoção pela personalidade do homenageado, tanto mais que a cerimónia, se bem que de cunho nitidamente escotista, não tinha, contudo, a pesar sobre os circunstantes, uma imponência ou solenidade por aí além.

Salvo melhor opinião, estamos em crer que esses dois rapazes escoteiros, perante uma missão para que não estavam talvez suficientemente preparados, quiseram desempenhar-se dela da forma que, ingènuamente e sem qualquer mau intuito, julgaram a mais indicada: representando uma transbordante comoção produzida pelo deslumbramento da admiração que a figura do homenageado seria susceptível de gerar no seu ânimo.

Foi pena, repetimos, que nesse pormenor a cerimónia não se tivesse coadunado perfeitamente com o carácter escotista. Embora compreendamos a ocorrência dessas discrepâncias, por não ser possível a um chefe estar atento em todos os momentos ao complexo das manifestações dos seus rapazes, este facto veio relembrar-nos a importância de se tomar a vida de B.-P. como um exemplo a apontar aos mais novos.

Este jornal está à vontade para condenar todas as atitudes que, por exagero de expressão, em vez de admiração e respeito, denotem culto pela personalidade do fundador do Escotismo. E está à vontade porque, através de todos estes anos de publicação, tem-se preocupado sempre em dignificar Baden-Powell de uma forma como até aqui não fora praticada em Portugal, apresentantando-o na sua verdadeira estatura humana, encarecendo as suas virtudes excepcionais e colocando-o no lugar por ele tão ambicionado: o de irmão mais velho de todos os rapazes.

Os chefes não podem realmente desperdiçar oportunidades de le-

Pág. 2 ——→

No IV Centenário da cidade do Rio de Janeiro

Realizar-se-á em Guanabara o «I Jambori Pan-Americano»

A cidade do Rio de Janeiro comemora em 1965 o seu quarto centenário e projecta-se a realização, em Julho desse ano, do I Jambori Pan-Americano, actividade para a qual serão também convidados escoteiros de outros países. Pensa-se na presença de 10 mil escoteiros e será criada uma comissão de técnicos com elementos especializados para os diversos sectores, engenheiros, médicos, naturalistas, relações públicas, comércio, intendência e transportes.

A programação da actividade está sendo traduzida em espanhol, de um trabalho organizado pela Repartição Interamericana de Escotismo, que o preparou com base em anteriores experiências.

Estão sendo tomadas todas as medidas para que a iniciativa tenha pleno êxito, projectando-se a realização de uma campanha financeira, e a constituição de comissões para a execução dos diversos projectos. Espera-se que os Governos Estadual e Federal dêem o seu auxílio à iniciativa, tanto mais que o I Jambori Pan-Americano será integrado nas comemorações oficiais.

DO ENTRONCAMENTO

Grupo N.º 84

No passado 6 de Maio foi esta vila visitada por sua Eminência o Cardeal Patriarca de Lisboa, a fim de dar seguimento às solenidades religiosas da Santa Missão, tendo o Grupo 84 estado presente de manhã à sua chegada à Igreja. À tarde, efectuou-se uma procissão com a participação da banda dos Escoteiros e do Grupo 84. — C.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

CARTA DE TIMOR

Estas coisas são-se sempre...

Aqui, tão longe da Metrópole, jamais esqueço o escotismo, que, na minha atribulada juventude, muito concorreu para a formação da personalidade, e me permitiu conhecer alguns locais do país que de outra forma me seria extremamente difícil percorrer: Alcobaça, Batalha, Leiria e Porto.

Assim, o movimento é, por vezes, o assunto principal de algumas conversas, e, devido a estas, fiquei conhecendo dois antigos escoteiros, vindos a Timor em cumprimento dos deveres militares — Eugénio Moita Aurélio, que fez parte do grupo n.º 79 da A. E. P., e Samuel Alves Gonçalves, antigo escuta — ambos sargentos de infantaria.

Frequentemente trocámos impressões acerca do nosso passado de escoteiros. Por vezes, na sede do Sporting Clube de Timor e do Sport Díli e Benfica — de que todos nós éramos sócios — evocávamos episódios de um tempo já distante.

Ambos deixaram há pouco a província. Samuel, belo companheiro, que desenhava primorosamente — ùltimamente era professor de desenho do pré-seminário de Dare, nos arredores de Díli — era com frequência assediado para ornamentar programas de festas de clubes, da escola ou da Mocidade Portuguesa, organismo onde desempenhava as funções de instrutor. Pouco depois de ter chegado, os sargentos do exército fundaram um jornal, de proporções modestas, a copiador, com o título de *Notícias da Galaxia*, onde esse nosso irmão escuta, de vez em quando, publicava artigos de muito interesse sobre o escotismo e o seu fundador.

Certo dia, Samuel convidou-nos a assistir aos preparativos de um acampamento da Mocidade Portuguesa, a inaugurar no dia seguinte, a alguns quilómetros a oeste de Díli, junto da estrada para Tibar, em sítio sombreado e fresco, próximo de uma praia, no género muito conhecido das praias do mar do sul: areias fulva ou branca, ondas ligeiramente encrespadas pela brisa, coqueiros debruçados sobre a espuma.

Boa vontade não me faltava; o problema a resolver seria o do transporte. E já me dispunha a deslocar-me de bicicleta, quando, por coincidência, o governador, capitão Serpa Rosa, convidado pelo comissário provincial da Mocidade Portuguesa a visitar o acampamento, me pediu que o acompanhasse. Às dezasseis horas, lá estávamos.

Samuel, com afã, ocupava-se dos últimos retoques. Junto da sua barraca, estavam alguns livros sobre campismo editados pelos escoteiros dos Estados Unidos.

Pouco depois, era recebido o bispo da diocese, D. Jaime Garcia Goulart, que, nos seus tempos de superior do colégio de Soibada, havia fundado um grupo de escoteiros. O governador, acompanhado do bispo e do comissário provincial, capitão Fajardo, percorreu o acampamento, mostrando-se satisfeito com a boa ordem que ali reinava.

Seguiu-se uma sessão de cinema. Um dos filmes intitulava-se «Bird Scouts», e compunha-se de bonecos animados, tendo, como não podia deixar de ser, fundo moral.

Ao despedir-me de Samuel Gonçalves, enquanto lhe apertava vigorosamente a mão esquerda, disse-lhe:

— Com que então, fazendo escotismo...

Com os olhos um nadinha turvos de saudades, o antigo escuta retorquiu:

— Nunca deixei de ser escoteiro. Estas coisas são-se sempre...

MANUEL FERREIRA

BADEN-POWELLATRIA

← *Pág. 1*

var a cabo a obra educativa em que estão empenhados. Este processo de atrair as atenções da juventude para a vida e a obra de homens que ultrapassaram, em certa medida, as dimensões comuns, não é, com certeza, dos de menor relevância para a consecução desse objectivo.

Como é de boa norma, deve buscar-se em B.-P. a fórmula apropriada de inculcar esses princípios educativos, de maneira que não vamos forjar, através de modelos hipertrofiados, caracteres desarmónicos ou espíritos fanatizados. Leiamos os seus livros e observemos as suas considerações a respeito de homens que feriram a sua atenção e teremos colhido uma boa inspiração para o nosso trabalho educativo.

Mas a própria figura de B.-P. guarda em si um manancial de predicados. Apontá-los à mocidade não é só um dever, mas também uma flagrante oportunidade de que o escoteiro-chefe dispõe. Todavia, se se fizer desviar essa atitude de reverenciamento e admiração para um nível despropositado de beatificação — de baden-powellatria, como dizemos na epígrafe — é algo de condenável, contra que nos teremos de prevenir.

«Procurai deixar o mundo um pouco melhor do que o encontrastes» eis algumas palavras da última mensagem do fundador. Que este convite seja a orientação de todos os chefes-escoteiros, para que, no seu trabalho educativo, tudo quanto possam transmitir os seus rapazes revele a preocupação de contribuir para os tornar elementos úteis na sociedade de que fazem parte.

JOEL RIBEIRO

Balcão Escoteiro

SACO MOCHILA — Compra-se um usado.

Resposta a este jornal a H. M.

Os leitores do «S. P.» podem anunciar nesta secção gratuitamente, desde que não ocupem mais de 3 linhas.

Um problema ortográfico resolvido

O significado de «Escoteiro»

Transcrevemos no número de Junho o significado das palavras «Escoteiro» e «Escotismo» e outras do mesmo grupo do Dicionário da Língua Portuguesa, coordenado pelo distinto professor de português, sr. dr. José Pedro Machado, que a Sociedade de Língua Portuguesa está publicando. Foi agora publicado outro fascículo que insere o significado de «Escuteiro» e «Escutismo», que igualmente transcrevemos para complemento do assunto.

Escuteiro, *s. m.* Aquele que faz parte de um grupo de crianças *ou* rapazes que pratica em comum exercícios ao ar livre (marchas, excursões, campismo, acampamento, etc.) e se submetem a determinada regras de disciplina livremente consentidas: o mesmo que *escuta*.: // *observ.* No Brasil, usa-se a forma *escoteiro*.

Escutismo, *s. m.* Prática dos exercícios de escuteiro.: // Doutrina do general inglês Baden-Powell que tem por fim a formação do homem moral, intelectual e fisicamente perfeito pelo desenvolvimento das virtudes cívicas. // *Obs.* Veja *escotismo*.

Escutista, *adjectivo de 2 gén.* Partidário ou praticante do escotismo. // *Observ.* Veja escotista.

Por outros termos (não sabemos porquê) dá para a palavra escrita com «o» o mesmo significado que com «u». Podemos, portanto, concluir que se tratam de duas palavras diferentes — escoteiro e escuteiro — que servem para designar o mesmo movimento.



PALAVRA DE PORTUGUÊS

Naquele dia, na reunião da patrulha, a conversa dos rapazes recaiu sobre a palavra de Portugueses. O subguia Eugénio estava compilando os originais para o jornal do grupo, publicação feita a copiógrafo e em que todos os escoteiros, mais ou menos, colaboravam. Um deles, Marcelino, que, na patrulha, desempenhava as funções de tesoureiro, ao ouvir a conversa dos companheiros, observou:

— É justamente esse o assunto do meu artigo.

— Muito bem. Já sei de quem vais falar. De Egas Moniz...

— Enganas-te. O feito do aio de Afonso Henriques é tão conhecido que me parece supérfluo escrever-se sobre ele.

— Então, já sei, falaste de D. Estêvão de Ataíde — observou outro escoteiro, Miguel.

— Escusam de cansar a cabeça com raciocínios. Ouviram alguma vez falar de um cavaleiro português chamado Pedro Escuro?

— Nunca—retorquiu Miguel.

— Realmente, a figura não é muito conhecida. A nossa História, irmãos escoteiros, é um manancial inesgotável de santidades, honras e heroísmos. Pois esse Pedro Escuro vigiava, numa das praças de África, de que me não recordo, agora, o nome, uma porta, para impedir que por ali se escapassem os mouros. Um muçulmano, mais atrevido, conseguiu sair, exclamando, com arrogância, para Pedro Escuro que havia de voltar àquele sítio para se bater com ele. E sabem que respondeu o cavaleiro?

— Não faço a menor ideia, — observou um dos escoteiros.

— Pedro Escuro não pestanejou, exclamando, na saborosa linguagem do tempo: *Iredes e veredes e aqui me acharedes, ou morto ou vivo.*

— E que fez ele?

— Passaram os dias, os meses, os anos. O mouro jamais voltou, talvez porque o que dissera tivesse sido pura fanfarronada...

— Ou talvez ele tivesse sofrido algum azar — observou, rindo, o subguia. — Os tempos não iam nada bons para os infiéis...

— Fosse como fosse, o mouro nunca mais voltou àquela porta. Mas Pedro Escuro é que nunca desamparou o local, deixando em testamento que desejava ser ali enterrado, a fim de esperar o mouro por toda a eternidade.

— Palavra de português! — exclamou o guia, entusiasmado.

Consta que Pedro Escuro, em recordação do episódio, mandou erguer naquela cidade uma ermida e um hospital. Só passados muitos, mas mesmo muitos anos, é que foi trasladado para uma igreja.

A rapaziada ouvia, interessada, a narração do curioso episódio. No final, Miguel perguntou:

— Mas onde foste tu encontrar a descrição desse feito?

Com ar um tanto malicioso, Marcelino esclareceu:

— Num almanaque muito antigo. Fiquem sabendo que nos livros velhos aprendem-se muitas coisas novas...

MANUEL FERREIRA

— CANTINHO DOS MAIS NOVOS —

Lobo Negro, o jovem jornalista que nesta secção tem apresentado diversos trabalhos, fez outra entrevista. Desta vez ouviu o Rev. Sr. Joaquim Rosa Baptista, presidente da Direcção do Grupo 94

E começou assim a sua entrevista:

— Pode dizer-me o que pensa do Movimento Escotista?

— Desde há muito que penso o melhor.

— Antes de ser Presidente do Grupo 94, já tinha sido Escoteiro?

— Não, nunca o fui.

— Há quantos anos é presidente do 94?

— Há pelos menos uns 25 anos.

— O Senhor, como Apóstolo de Deus, já fez alguma pregação referente aos Escoteiros ou ao Movimento?

— Sim, já fiz várias.

— E pronto. Aqui termina a nossa amigável conversa. Resta-me agradecer em meu nome e em nome do jornal.

LOBO NEGRO

Eis uma entrevista simples, mas uma entrevista, feita pelo mais jovem colaborador de «Sempre Pronto». Não haverá outros Escoteiros de 12, 13, 14, ou 15 anos de idade que queiram também mandar os seus trabalhos literários para esta secção? Todos serão bem recebidos.

FILATELIA

2.ª Exposição Nacional do Selo Escoteiro

Numa das salas do Secretariado Nacional de Informação, na Praça dos Restauradores, será inaugurada no dia 25 do corrente a 2.ª Exposição Nacional do Selo Escoteiro, feliz iniciativa de Secção Filatélica da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, com o patrocínio do sr. Correio Mor, do Clube Filatélico de Portugal e do nosso jornal.

A Exposição conta com 14 expositores, que apresentarão, além de interessantes colecções de selos escoteiros, várias peças filatélicas, sobrescritos de primeiro dia, etc. A Exposição estará aberta até ao dia 31 de Julho corrente e, no dia 1 de Agosto, realizar-se-á no mesmo local a distribuição dos prémios aos concorrentes melhor classificados.

ÚLTIMA NOTÍCIA

Já depois do nosso jornal paginado, chegou-nos a notícia de que a Sala disponível no S. N. I. não comportava o material a expor. Por este motivo imprevisto, foi novamente adiada a Exposição, procurando a Comissão solucionar esta dificuldade.

Postal Filatélico

O postal filatélico editado pelo «Sempre Pronto», com selo escoteiro e carimbo de 1.º dia, cujo produto se destina à publicação de um cancioneiro escotista, tem sido muito apreciado nos meios filatélicos nacionais e estrangeiros. Os exemplares que ainda restam podem ser requisitados à Redacção do «Sempre Pronto», sendo o seu preço de Esc. — 4$00 mais o porte de correio

Sobrescrito de Primeiro Dia

A Fraternal teve a amabilidade de nos enviar um sobrescrito de sua edição com carimbo de primeiro dia do selo comemorativo da 18.ª Conferência Internacional de Escotismo. Agradecemos.



PÁGINA DO ESCOTEIRO

Meu caro Escoteiro:

Visito frequentemente o Campo Permanente da Caparica. É local que permite uma passagem discreta sem que os acampados se apercebam de que estão sendo observados. Tive desta vez, ao contrário do costume, uma agradável impressão. A tua Patrulha provou ser constituída por Escoteiros compenetrados dos seus deveres. Sempre que uma Patrulha acampa em qualquer local, contrai imediatamente obrigações. Ela compromete se a proteger as árvores e outras plantações existentes no local e a manter permanentemente limpo e arrumado não só o terreno onde levantou a sua tenda, mas o campo em volta. Não se trata de limpar aquilo que os próprios Escoteiros possam ter sujado, mas de fazer desaparecer todos os detritos que se encontrem no local. A tua Patrulha foi exemplar. Antes de montar o acampamento procedeu a uma criteriosa limpeza de todo o campo. Queimou os lixos em fogueira própria no centro de uma cova e cobriu as cinzas depois do fogo bem extinto. Estabeleceu fossas onde foram cuidadosamente lançados todos os detritos do próprio acampamento. Quando abandonou o campo, ninguém poderia descobrir através de restos ou desarrumação que ali se realizara um acampamento. Os meus parabéns à tua Patrulha. Assim é que se faz Escotismo.

Teu dedicado amigo

«Sempre pronto»
LOBO VELHO

Primeiros Socorros

I

Classificam-se de «primeiros socorros» aqueles que são prestados antes da chegada do socorro especializado constituído por médicos ou enfermeiros. Trata-se portanto daquele socorro que qualquer pessoa pode ser chamada a prestar em caso de acidente. Apesar deste carácter de emergência, a vida do ferido pode depender do que for feito ou daquilo que não for feito nestes primeiros momentos.

Esta tão grave circunstância obriga-nos a ter algumas noções do que é preciso fazer (e do que não deve ser feito) em caso de desastre. Sobretudo nós, Escoteiros, devemos honrar a nossa divisa de *sempre pronto* e estar preparados para estes casos.

Em caso de acidente grave, choque de veículo, queda ou outra violência, não movimente as pessoas feridas senão em caso de absoluta necessidade para evitar novos perigos ou por não ser possível obter outros socorros. Sobretudo, em desastres de automóvel, não force o ferido a saír do carro destroçado, se isso não for urgente e indispensável. Mas, se tiver de o fazer, tenha bem presente que se houver ferimentos internos ou fractura da coluna vertebral qualquer movimento rude ou impróprio poderá ocasionar a morte ou agravar a situação de maneira irremediável Não é conveniente obrigar o doente a sentar-se.

Sempre que possível o transporte do ferido grave deve ser feito por pessoal especializado em carro-maca. Não sendo possível, será improvisada uma maca pelos sistemas já nossos conhecidos: Duas varas e um pano de tenda ou uma manta; ou duas varas e duas camisas de escoteiro; ou ainda as mesmas duas varas e o entrançado feito com uma espia. Todo o Escoteiro sabe como fazer estas macas.

Em qualquer caso, o doente deve ser transportado horizontalmente. Se não puder fazer a maca, três ou quatro pessoas improvisam com os braços uma cama em que o paciente será deitado. Metem-se as mãos por debaixo do ferido, segura-se o pulso do companheiro em frente e levanta-se o ferido.

O ideal, porém, seria não transportar o ferido grave sem a presença do médico.

Há, porém, casos em que é indispensável a aplicação imediata de socorros para que a vida do ferido não perigue. Falaremos do assunto em próximo número.

Um jogo de vez em quando...

Chato, redondo e comprido

O jogo, que hoje te oferecemos, além de exigir energia, é alegre e proporciona até aspectos que provocam franca hilaridade. Pode ser disputado por duas ou mais patrulhas desde que o local seja suficientemente amplo.

Colocam-se as patrulhas em filas paralelas distanciadas 1,5 m. entre si.

Os Escoteiros, que têm de ser em número igual para cada patrulha, distanciam se entre si pelo comprimento do braço estendido a tocar no companheiro da frente.

Cerca de 3 m. à frente de cada coluna e igualmente atrás coloca-se um chapéu de escoteiro com a copa para baixo. Depois, dentro de cada um dos chapéus que se encontram em frente da coluna (em frente do guia), colocam-se três objectos com figura chata, redonda e comprida. Por exemplo: Um papel, um lápis e uma bola.

O chefe do jogo coloca-se em frente das colunas, para além dos chapéus e dá o sinal para início do jogo. Os Escoteiros são numeradas em cada coluna, de forma a cada um saber bem o número que lhe compete. O chefe chama um número e diz, por exemplo, *redondo*.

Os escoteiros, cujos números correspondem em cada patrulha ao número citado, saem da sua coluna pelo lado direito, correm até aos respectivos chapéus, agarram o objecto da configuração pedida, correm pelo lado esquerdo da sua coluna, deixam o objecto no chapéu da retaguarda e voltam a ocupar o seu lugar correndo pela direita.

O jogo repete-se chamando-se outros números, citando qualquer dos três objectos, e acontece que depois de três ou quatro jogadas os Escoteiros se esquecem de onde param os objectos e têm de os buscar para os conduzir para o chapéu do lado contrário.

Em cada jogada é marcado um ponto à patrulha que executar o serviço em menos tempo. Ganha a patrulha que no final tiver maior número de pontos por desembaraço.

N. B. — Se jogam mais de três patrulhas o chefe do jogo deve ter ajudantes para a marcação dos pontos.

* ● *

Prevenção do fogo no bosque

Em plena época de verão, os fogos surgem nos bosques e nos pinhais, dizimando a nossa riqueza florestal e causando prejuízos incalculáveis. Muitos desses fogos poderiam ser evitados se fossem observadas algumas regras, que se devem considerar obrigatórias para todos que transitam ou passam algumas horas gozando as delícias da sombra refrescante do arvoredo.

FOGUEIRAS — Não devem ser feitas fogueiras nos terrenos muito arborizados ou cobertos de feno ou arbustos. Qualquer fagulha é suficiente para atear um incêndio. As cozinhas de acampamento só podem ser feitas quando dirigidas por quem conheça as precauções a tomar.

Os fornos ou fogueiras dos modelos conhecidos dos Escoteiros e adequados à natureza dos terrenos devem ser instalados longe do tron-

Pág. 5 ——→

Prevenção do fogo no bosque

← Pág. 4

co das arvores para que o fogo as não prejudique. O terreno em volta da fogueira deve ser completamente limpo de fenos, restolho ou caruma, de forma a ficar só terra. O fogueiro deve permanecer constantemente de vigia, dispondo de um balde de água e de uma pá ou molho de ramos. Se, apesar destes cuidados, alguma fagulha salta e pega fogo ao restolho, deve ser imediatamente apagada com água ou batida com a pá ou o molho de ramos. Em caso algum se permitirá que o fogo se desenvolva. É de boa norma manter húmido o chão em volta do fogo.

Logo que a comida esteja pronta, o fogo deve ser devidamente apagado com água e batido com a pá. Nunca cobrir as brasas apenas com terra, porque o fogo poderá permanecer e desenvolver-se. Também nunca se devem espalhar as cinzas. Depois de nos certificarmos que a fogueira está bem apagada, deixamo-la algum tempo à prova, e só depois a cobrimos com terra. É acto verdadeiramente criminoso abandonar uma fogueira acesa num campo coberto de restolho ou num bosque.

GIGARRO — O Escoteiro não fuma nos seus acampamentos. Mas deve conhecer estas regras para as recomendar aos seus visitantes e até àqueles que descuidadamente põem em perigo a segurança dos nossos pinhais. Nunca se deve lançar para o chão ainda acesso o fósforo que acendeu o cigarro. Igualmente deve ser apagada, antes de abandonada, a ponta de cigarro. Muitos dos desvastadores incêndios dos nossos campos são provenientes destes descuidos.

VIDROS — O povo das cidades não sabe, infelizmente, viver no campo. Julga que pelo facto de se encontrar fora do zona urbanizada lhe são permitidos todos os desmazelos. É muito triste verificar a forma como aos domingos são abandonados os parques que servem as nossas grandes cidades, nomeadamente o Parque Florestal de Monsanto, um dos mais aprazíveis recantos de Lisboa. Abandona-se e deita-se para o chão todo o género de detritos e porcarias, sem ter o cuidado de os enterrar como é devido. Os vidros, especialmente os fundos de garrafas partidas, são constantemente causa de incêndios. Atravessados pelos raios solares, concentram o eixo destes e agem como uma lente, incendiando o restolho, o feno ou a própria caruma. Devem por isso ser enterrados todo os vidros quebrados.

OUTRAS CAUSAS — O fogo no bosque pode também ter uma causa espontânea. Dois ramos que agitados pelo vento se friccionam repetidamente. Resina de um tronco quebrado que aquece demasiadamente.

* * *

O Escoteiro é um amigo constante da árvore. Por isso, deve sempre vigiá-la e não permitir que mãos descuidadas a façam correr perigo. Delicadamente, com boas maneiras, o Escoteiro procurá ensinar estas regras àqueles que as ignoram. E deve fazer dos seus locais de acampamento pontos de vigia de incêndio. Esta atitude torná-lo-á desejado e querido nos bosques de Portugal.

DOS AÇORES

Grupo n.º 52 da A. E. P. — ANGRA DO HEROISMO

Comemorações do Dia do Escoteiro

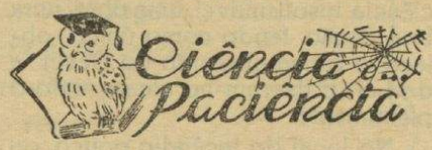
Em comemoração do Patrono Mundial dos Escoteiros, os componentes deste Grupo efectuaram uma reunião geral que foi dedicada a S. Jorge e à Fraternidade Escotista.

No mesmo dia, o Chefe Jacinto dos Reis Moniz Silva fez uma palestra alusiva ao Dia de S. Jorge, aos microfones do Rádio Clube de Angra.

Fraternal dos Antigos Escoteiros

Também no dia 23 de Abril — Dia de S. Jorge — os actuais dirigentes do Grupo 52 da A.E.P., assim como diversos antigos componentes do Grupo, reuniram-se num jantar de confraternização no Restaurante «Beira-Mar» em Angra do Heroísmo, sob a presidência do Chefe Moniz Silva, Delegado da Fraternal nos Açores, tendo sido recordados pelos presentes vários episódios da sua vida escotista.

Durante a actividade, que se revestiu dum cunho de franca amizade entre todos os presentes, foi resolvido constituir o Núcleo de Angra do Heroísmo da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal.



PROBLEMA DIFÍCIL N.º 5/62

PROBLEMA DA LÓGICA

Como é possível deixar cair um ovo de uma altura de 75 cm por cima de um chão duro, sem que o ovo se parta e sem precauções para amortecer o choque?

Pense... e resolva. Se não resolver dir-lhe-emos o resultado no próximo número.

«SOIS PRÊT»

Solução do problema n.º 4/62

O pedreiro deve receber 480$00 o carpinteiro 160$00 e o pintor 60$00. Ganharam por cada hora 12$50.

PUBLICAÇÕES

Liga Portuguesa de Profilaxia Social

O Problema da Prostituição

É este o título do livro expressamente escrito pela Sr.ª D. Maria José Vahia Lima de Sousa Pinto, ilustre presidente da Obra de Recuperação de Mulheres do Porto, para a Liga Portuguesa de Profilaxia Social e agora editado por esta Instituição. Tem como objectivo chamar a atenção do público consciente e dos Poderes Públicos para o gravíssimo problema do tráfico da carne feminina, que não é sòmente uma violação da dignidade da mulher, mas que gera também a degradação intelectual e espiritual do homem.

A mulher atirada para as casas de tolerância é um farrapo humano vítima da pior das escravidões. A atmosfera envenenada de imundícies que ali respira, forma-lhe uma mentalidade deplorável em que a obscenidade se torna um hábito e acaba por lhe embotar toda a sensibilidade. Não a ilumina o sorriso de uma esperança a anunciar-lhe um futuro melhor. O alcoolismo, os excessos venéreos, as orgias, arrastam ao desperdício das forças vitais, gerando as piores doenças do corpo e do espírito. Vivendo isolada, sem relações honestas, na mais completa ausência de sentimentos de afecto e de amor, a mulher sente, naquele antro ascoroso, toda a brutalidade duma expiação sem culpa, todo o peso do seu esmagamento moral. Convencida de que toda a luta travada para melhorar a sua sorte resultará inútil, todo o esforço da sua vontade débil empenhada no desvio da sua conduta, soçobra diante dos obstáculos que se lhe opõem. Poderia libertar-se, mas a falta de inteligência para o desejar e da energia para o querer, não lho consentem. É bem a escrava moderna.

A mulher esmagada por esse escandaloso anacronismo do encerramento numa casa de vício comercializado, precisa de libertar-se; mas para isso carece do auxílio moral e material que à sociedade não é lícito recusar.

E se neste trabalho de regeneração das mulheres transviadas, instituições activas de assistência e de educação (no género da que o livro nos dá notícia, a Casa de Santo António do Porto) em maior número conduzissem à vida familiar e ao trabalho honesto essas infelizes abandonadas, ter-se-ia conquistado o mais notável dos progressos.

A prostituição deixará de existir quando uma nova organização económica e social der a todo o ser humano a consciência da sua dignidade e os meios de poder satisfazer as suas necessidades mais inadiáveis. Para já, deve proclamar-se o princípio de uma única moral para ambos os sexos.

A solução do problema do meretrício exige a acção do Estado em íntima colaboração com a dos educadores. É pela função administrativa do primeiro que é possível o encerramento das casas públicas, a criação de escolas profissionais, o combate sistemático aos «souteneurs» e proxenetas; mas dar à mulher, desde criança, um educação moral e intelectual de molde a torná-la apta para vencer as vicissitudes da existência, desenvolver-lhe os altos sentimentos de alma humana, formar-lhe o espírito para as concepções práticas da vida, dar-lhe, enfim, uma educação integral, são, como excelentes medidas de ordem preventiva, obra dos segundos.

Eis, em síntese, o que poderá ler-se no notável trabalho «O PROBLEMA DA PROSTITUIÇÃO». — *L. P. de P. S.*

«SCALA — International»

Recebemos e agradecemos a edição luso-brasileira deste interessante revista alemã, de muito boa apresentação gráfica e excelente fotografia, que insere colaboração variada sobre arte, literatura, indústria, turismo, actualidades, etc. etc., constituindo agradável leitura.

Em Niteroi, no Brasil, na tragédia do Circo

Os Escoteiros cumpriram o seu dever

Está ainda na memória de todos o trágico incêndio que destruiu o Circo de Niteroi e vitimou centenas de pessoas, na maioria criancinhas que assistiram entusiasmadas ao espectáculo do circo. Foi um doloroso desastre, que nós, Portugueses, particularmente sentimos. Pela revista «Sempre Alerta», recentemente chegada, soubemos que os Escoteiros cumpriram nessa emergência o seu dever com especial abnegação e espírito de serviço. Transcrevemos daquela revista alguns apontamentos da acção dos Escoteiros para que possamos ter uma ideia da forma como os nossos irmãos do Brasil souberam cumprir o seu dever:

O pânico se apossou de todos, gerando uma confusão caótica e diabólica, intensa e irrefreável, pois a tudo se sobrepunha a vontade de sair primeiro, de salvar os seus entes queridos, de escapar enfim do verdadeiro inferno de chamas que circundavam as arquibancadas em poucos minutos e nesta hora, nesta hora dramática viram, os que aguardavam do lado de fora o fim da sessão, um menino, que se dirigiu correndo resolutamente na direcção da lona ainda não incendiada mas já chamuscada, conseguir com esforço inaudito rasgá-la para permitir a saída de centenas e centenas de pessoas e crianças pelo buraco que fizera. Era um menino anónimo que, num gesto humano e de desprendimento, colaborara para o salvamento de muitas vidas. E... souberam, todos, pouco após. Era um Escoteiro. Fora o Waltinho. E foi o Walter Bouças ainda escoteiro «júnior» o autor do belo gesto com o qual deu uma demonstração do fiel cumprimento da Lei Escoteira. Em pouco menos de trinta segundos após, desabava a cobertura, também incendiada, sobre centenas de pessoas que não haviam podido safar-se, transformando num amontoado de restos fumegantes e onde há pouco reboavam as gargalhadas e aplausos, o redondel do circo agora cinzas, corpos carbonizados e palco duma inenarrável e dantesca cena.

Gemidos de dor e aflição, de desespero e agonia era o que se ouvia ao mesmo tempo com chamamentos, apitos e sirenas. E de repente, como que atendendo a uma convocação geral e invisível, começaram a surgir de todos os lados os escoteiros, chefes, antigos escoteiros, de todas as modalidades e mesmo «lobitos» vindos por meio das mais diversas conduções e mesmo a pé. Surgiram como que por encanto e prontos a servirem o próximo, a prestarem seu auxílio voluntário e desempenharem os árduos encargos que aquela pavorosa catástrofe lhes pudesse trazer. Sim, foram talvez mais árduos do que se podia prever mas serviu para demonstrar a poderosa força do entusiasmo e abnegação para realizarem, prestimosamente e com eficiência insofismável, uma obra, uma boa acção, tendo como único objectivo o cumprimento do Dever e da Lei. E fizeram-no alcançando-o plenamente.

No local do incêndio pouco ou nada mais havia a fazer e assim, convictos de que cada um iria actuar e «jogar o jogo» rumaram para os hospitais, casas de saúde e outros pontos onde seus serviços pudessem ser úteis e necessários. Em toda a parte havia superlotação de feridos, de moribundos, de familiares à procura dos entes queridos e de incontável massa humana que tudo invadira dificultando mesmo o restabelecimento da ordem, do atendimento dos feridos, das imediatas e necessárias remoções dos mortos, assepsia das enfermarias, um pandemónio enfim inclusive nas vias públicas de acesso aos hospitais cujo congestionamento era total. E os escoteiros começaram a sua tarefa; nos primeiros socorros e como auxiliares nas operações de emergência, como almoxarifes, cozinheiros (e entre eles as esposas), copeiros, atendentes, enfermeiros, policiais, inspectores de trânsito, informantes, colectores de medicamentos para queimados e em tudo aquilo onde houvesse carência lá estavam os escoteiros. O restabelecimento da ordem a fim de evitar fossem os hospitais novamente invadidos pela massa humana constituída por milhares de pessoas, cuja afluência era constante, foi tarefa das mais árduas durante horas e horas ininterruptas.

Agora, decorridos meses da catástrofe, ainda permanecem no H. A. P. alguns chefes escoteiros que, além de serviços médicos e de enfermagem, vêm de organizar uma patrulha de excepcionais que mesmo em seus leitos de dor, têm recebido adestramento escoteiro e de lobismo, com pleno aproveitamento e onde sobressai o oitavo artigo uma vez que, mesmo sofrendo, possuem moral levantada, o que tem sido conseguido pela Chefe D. Maria Pérola Sodré.

A. J. O GARCIA

ESCOTEIROS DE PORTUGAL
EM SERVIÇO MILITAR NO
ULTRAMAR PORTUGUÊS

José Rafael dos Santos Baudoin
FURRIEL MILICIANO

Antigo-Escoteiro do Grupo N.º 53
— Lisboa —

servindo em Angola

Sabemos que outros Escoteiros se encontram em serviço militar nas províncias ultramarinas. Pedimos a todos os chefes para nos darem a conhecer os seus nomes e colocações.

Dos amigos do "Sempre Pronto"

Doente — O nosso estimado assinante sr. Eduardo Quintino Pinheiro, que, como noticiámos, esteve internado no Hospital do Rego, teve alta nos últimos dias de Junho e já retomou as suas actividades, embora se encontre ainda em convalescença. Fazemos sinceros votos por um restabelecimento completo.

Casamento — Na Igreja Lusitana, no Porto, realizou-se, em 6 de Junho passado, o feliz enlace matrimonial da Sr.ª D. Ilda Correia, chefe da 9.ª Companhia das Guias de Portugal; com o Sr. Nelson Dias Horta, chefe do Grupo n.º 53 dos Escoteiros de Portugal. Lançou a bênção matrimonial o Rev. Bispo Sr. António Ferreira Fiandor.

«Sempre Pronto» formula votos de muitas felicidades aos noivos.

Manual de Provas de 1.ª classe

«MAIS ALÉM»

Com a colaboração do Prof. Aníbal Ramos, António M. Calhau, Armando Garcia Inácio, Eduardo Barbeiro, Eduardo Ribeiro, Eng.º José Maria Nobre Santos, Joel Ribeiro, Júlia Gomes Pena Ribeiro, Dr. Leopoldo de Figueiredo, Dr.ª Lídia de Medeiros e Manuel Tacão Monteiro.

O LIVRO QUE FAZIA FALTA!
172 páginas — Muito ilustrado
ESC. 12$50
Manual de 2.ª Classe
«Sempre Pronto» 5$00
À VENDA
na Redacção do
«SEMPRE PRONTO»
Pedidos pelo correio ou pelo Telef. 636607

Canção da Despedida

Porque perder a esperança
De nos tornar a ver,
Porque perder a esperança
Se há tanto querer.
Não é mais que um «até logo»,
Não é mais que um breve adeus,
Bem cedo junto ao fogo
Tornaremos a nos ver.
Com nossas mãos entrelaçadas
Em redor do calor
Formaremos esta noite
Um círculo de amor.
Pois o Senhor que nos protege
E nos vai abençoar,
Um dia, certamente,
Vai de novo nos juntar.
Não é mais que um «até logo»,
Não é mais que um breve adeus,
Bem cedo junto ao fogo
Tornaremos a nos ver.

Intercâmbio por correspondência

Pedido de correspondente ou madrinha de guerra

O Caminheiro Domingos José de Figueiredo, do Grupo n.º 4, no Porto, encontra-se a prestar serviço na marinha e pede para que uma Chefe de Alcateia ou uma guia de Portugal aceite ser sua *madrinha de guerra* ou, então, correspondente. Aqui fica o pedido. O seu endereço é: 2.º Grumete n.º 16601 — 4.ª Companhia. E. A. M. — Vila Franca de Xira.

CAMPO DE CONCENTRAÇÃO

Mil e um versos de dor
e de esperança

por E. M. PÈRENOËL

Se quiséssemos resumir num só adjectivo este livro, diríamos que ele é **saudável**, *tomando o termo na sua acepção etimológica «de aquilo que dá saúde», neste caso a saúde moral. Porque é saudável, é* **bom**, *e porque é bom é* **belo**. *Portanto, «saudável, bom e belo» constitui o somatório das virtudes desta obra (...).*

«Rato Sábio» in «Sempre Pronto»

À venda na Redacção do «Sempre Pronto» — Esc. 10$00

TEATRO ESCOTEIRO

"No Rumo da Lei"

PEÇA EM 2 ACTOS

POR LOBO VELHO

2.º ACTO

(*Continuação do n.º 206*)

Pai — E o resultado está à vista: Ao primeiro contacto com as realidades, ele não está à altura das circunstâncias.

Mãe: — O Carlos é muito diferente.

Pai — O povo diz que «Deus escreve direito por linhas tortas» está-me a parecer que esta dificuldade serviu para me abrir os olhos e me fazer compreender que andava errado.

Mãe — Graças a Deus por isso.

Pai — Agora só espero que d'Ele venha o auxílio.

Mãe *(Com alegria)* — As minhas orações foram ouvidas!...

Carlos (*entrando da rua, com um fato de ganga vestido e muito sujo, mas de rosto alegre e visivelmente satisfeito*) — Ora então muito boa tarde!

Mãe — Mas como tu vens filho!... (*Corre para o filho e abraça-o*).

Pai *(estupefacto)* — Aonde foste trabalhar? *acariciando o filho)* Onde trabalhas tu?

Carlos — Isso não interessa. Trabalho e ganho dinheiro é o que é preciso!

Pai — Sim, mas preciso de saber onde trabalhas e em quê.

Mãe — Pois está claro. Precisamos de saber.

Carlos — Então vá lá: Trabalho no estaleiro naval.

Mãe — Em quê?

Carlos — Nem eu sei! Os meus colegas chamam-lhe «a picança».

Pai (*admirado*) — O quê? A picar os porões e os costados dos navios?

Carlos — Pois.

Mãe — Mas isso é muito violento!

Pai — És de facto um grande filho! (*abraça-o comovidamente*).

Carlos *(Procurando afastar o pai)* — Olhe que o sujo!

Pai — Não faz mal porque é no peito de um homem de trabalho!

Mãe *(Abraçando-o e chorando)* — Meu querido filho! És uma bênção para teus pais, mas não posso consentir nesse tão grande sacrifício. Havemos de conseguir um emprego mais próprio para a tua educação.

Carlos — (*Fugindo-lhe dos braços)* — Deixemo-nos de pieguices! Tenho de ir à reunião do grupo, Vou-me lavar e fardar, daqui a pouco já não pareço o mesmo. (*sai para o interior*).

Pai *(Deitando-se para cima de uma cadeira)* — É um orgulho ter um filho assim. Mas não, não o quero num trabalho daqueles.

Mãe — Esta força de vontade é fruto da educação escoteira.

Pai — E foi aos acampamentos e à vida ao ar livre que ele foi buscar a energia e o vigor de que agora dá provas.

Mãe — Queres dizer com isso que tivemos os dois razão... *(rindo)*.

Pai — Temos de chamar aqui o Chefe, agradecer-lhe a atenção que dispensou ao nosso filho, e afirmar-lhe que agora sabemos que o Escotismo faz homens desta têmpera.

Luís *(Que estivera a ouvir a conversa, entra em cena)* — Meu pai, quero ser escoteiro.

Pai — Pois sim, estás autorizado.

Mãe *(aparte)* — Apesar da dificuldade em que nos encontramos, este é o dia mais feliz da minha vida! (*Acariciando o filho*) Fazes bem, meu filho, aprende a ser um homem.

Pai — Espero que obtenhas o mesmo resultado que o teu irmão tem obtido.

Luís — Assim o espero, meu Pai.

Mãe — O Escotismo é uma grande escola!

Pai — Agora estou convencido disso.

Carlos *(Entrando em cena, já fardado)* — Vêem como já não pareço o mesmo!

Mãe — Sim, tens outro aspecto, mas deves estar cansado.

Pai — Porque não te deitas?

Carlos — O pai bem sabe que tenho hoje reunião de patrulha.

Pai — Está bem, então vai.

Mãe — Ai que me esqueci do que tenho ao lume! *(sai a correr)*.

Pai — Pois eu vou também ver se mudo de roupa. *(sai)*

Luís *(Dirigindo-se ao irmão)* — Queria pedir-te um favor.

(Continua no próximo número)

UM RAMO ESPINHOSO

Num jardim público havia uma rua, e, na borda dessa rua, um arbusto espinhoso.

Um menino mau que passou por ali quebrou um ramo desse arbusto, e atravessou o na rua, só pelo prazer de fazer mal.

Várias pessoas passaram por aquele lugar.

A primeira não viu o ramo, e embaraçou-se nos espinhos. Depois de se ter desembaraçado do empecilho, seguiu o seu caminho.

A segunda viu-o a tempo; fez um pequeno desvio e seguiu o seu caminho.

Uma terceira picou-se a ponto de fazer sangue. Mas, depois de se ter com custo desembaraçado do ramo, pegou nele, e colocou-o onde não podia fazer mal; e seguiu o seu caminho.

Qual das três te parece ter procedido melhor?

A última, com certeza, responderá o teu coração.

«Pois vai, e faze tu o mesmo».

«*Pedrinhas*» F. DUFERRUT

PROBLEMA POLICIAL N.º 11

Á MORTE DO CIENTISTA

O Professor G. W. Arnaud fora convidado a fazer uma série de conferências no Instituto para o Progresso das Ciências. Tratando-se de uma das maiores sumidades da ciência nuclear, a sua segurança fora objecto dos maiores cuidados e estava entregue a elementos especializados. Durante a sessão inaugural, proferia o ilustre Professor a sua brilhante lição, pediu um copo de água. Esta foi-lhe trazida num copo com uma pedra de gelo. Antes, porém, de chegar às suas mãos foi entregue a um agente de segurança, que deitou um pouco dessa água num pequeno copo e a provou demoradamente. Só depois foi entregue ao Professor. Este bebeu um golo e colocou o copo na mesa.

A conferência prosseguiu. Quase no fim, o orador pegou no copo, bebeu outro golo e caiu imediatamente inanimado. Os agentes de segurança aproximaram-se. O Professor estava morto.

Que se teria passado?

ADIVINHA

I

Com D é um belo rio,
Com T formoso animal,
Com M antigo habitante
deste querido Portugal.
Com C serve pr'a o calçado,
Com L é ramo viçoso,
Com nenhuma destas letras
é um metal precioso.

II

Que é que vive enquanto come e logo que bebe morre?

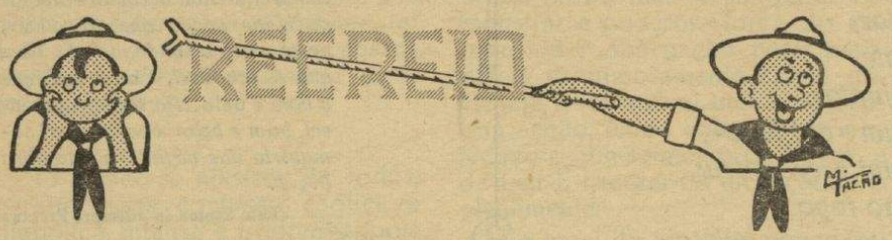
RESPOSTAS:
I — Ouro
II — Fogo

SOLUÇÃO DO NÚMERO DE FEVEREIRO

Por lapso, não demos esta solução, do que pedimos desculpa, e agora fazemos:

FALAR COM NÚMEROS

Se um fulano entra num restaurante, 60 e 70 a comer 100 pagar é preso.



Pastel

Mandámos para a tipografia uma relação de nomes de figuras de relevo no Escotismo nacional. Depois da composição feita, um aprendiz *empastelou-a*, de forma que ficaram as sílabas todas misturadas. Recordamo-nos que se tratava do nome de um presidente da A.E.P., de um Escoteiro-Chefe-Geral, de um Comissário Nacional e de um presidente da Fraternal dos Antigos Escoteiros. O leitor será capaz de nos ajudar a reconstituir os nomes?

Eis o que resultou:

Todim Rava
Dugémos Jarte
Jornio de Silmos
Euarge Levar

ACRÓSTICO

E x x x x
x l x x x
x x i x x
x x x a x
x x x x s

O nome do centro é terra
onde habita negra gente;
e os outros quatro, cidades
cá do nosso Continente.

É bom saber...

Dentaduras para todos

Pode se dizer que todos os cidadãos britânicos que precisam de dentes postiços ou dentaduras completas já os possuem porque graças aos Serviços Nacionais de Saúde, estas são fornecidas grátis a quem delas necessite.

Nesta ordem de ideias passa-se dos habitantes para os animais—está em estudo a colocação de dentaduras postiças a certos animais que precisem delas. Experimentou-se recentemente colocar uma dentadura postiça numa ovelha de raça. A razão é que estes animais de cria tornam-se mais prolíficos à medida que a idade aumenta. Isto dá-se em geral com as ovelhas de raça: com a passagem dos anos tornam se, por um lado mais prolíficas mas por outro, os dentes estragam-se, o animal alimenta-se mal, emagrece e tem de ser abatido, o que representa grande prejuízo para o criador.

As experiências que se estão fazendo têm dado resultados animadores; por exemplo, uma ovelha de 10 anos de idade utilizando uma dentadura postiça durante uma semana aumentou 9 kg. de peso.

Por este andar chegaremos talvez ao ponto de fabricar dentaduras artificiais... para as galinhas.

Solução do Problema Policial N.º 10

O IMPERMEÁVEL ROUBADO

Pela contagem dos impermeáveis feita pelo contínuo verifica-se que dois funcionários não tinham abrigo. Um deles era o Ramos. Outro era o Montes. Mas este apresentou-se com o casaco enxuto e não mudou de roupa porque disse não ter ido a casa. Portanto, saiu com um impermeável que lhe resguardou o fato. Além disso, ele mentiu. Disse que esperou um bocado e que só saíra quando chovera pouco. Ora quando o Sr. Sousa deu por falta do impermeável chovia ainda torrencialmente e já o Montes se tinha ido embora. Portanto, foi dele que o Sr. Sousa suspeitou e com fortes razões.

ENIGMA

Outono

SOLUÇÃO DE JUNHO

ANAGRAMAS

1 — Manuela
2 — Adalgisa
3 — Damásia
4 — Águeda
5 — Lavínia
6 — Elisa
7 — Natália
8 — Albina

PALAVRA QUADRADA

	1	2	3	4	5	
1						esvoaça
2						instrumento para cobrir o dedo médio da mão direita
3						instruir
4						saída impetuosa
5						cães de fila

ANEDOTAS

No montagem do acampamento, o chefe reparou com espanto que um dos escoteiros ao montar uma tenda deixava os esticadores mal seguros, pelo que chamou a sua atenção para o facto.

— É mesmo assim, chefe.

— !?

— É que não trouxe cobertor. Se de noite estiver vento a barraca cai em cima de mim e eu não apanho frio. Agasalho-me com ela.

LOBO NEGRO

Doente: — O senhor doutor tem a certeza que eu tenho pneumonia?

Médico: —Mas que pergunta tão irreverente!

Doente: — Tenho ouvido dizer que há médicos que se enganam, tratam os doentes de pneumonia e eles morrem de tifo.

Médico: —Está a dizer disparates. Eu sei bem o que faço! Os meus doentes trato-os de pneumonia e morrem mesmo de pneumonia.